

O manejo na terapia fonoaudiológica em um caso de linguagem escrita: o caminho percorrido por Eros para encontrar a princesa adormecida

Claudia Perrotta*

Suzana M. Maia**

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir o manejo terapêutico fonoaudiológico em um caso de escrita, sendo também abordados aspectos referentes ao contexto educacional e ao ambiente familiar do paciente em questão, um jovem de 18 anos de idade, aqui chamado Eros, que apresentava pouca desenvoltura na produção escrita e restrição de universo cultural, permanecendo em atendimento durante nove meses. São tomados como referência preceitos de Winnicott e Bakhtin, autores que, dentro de seus campos de conhecimento, psicanálise e filosofia da linguagem, adotam posições combinantes no que diz respeito à visão de homem. A partir dessas bases teóricas, demonstramos que o paciente apresentava certa condição de se apropriar do objeto cultural escrita para integrar facetas do si-mesmo.

Palavras-chave: linguagem escrita; intervenção fonoaudiológica; manejo clínico.

Abstract

This article proposes to discuss the use of speech therapy in a case of written language, while it also approaches aspects of the patient's educational context and family environment. The subject is an 18-year-old man, henceforth named Eros, who presented little development in his written production, as well as a restrict cultural universe. The article refers to precepts by Winnicott and Bakhtin, authors who, within their own fields of knowledge, psychoanalysis and the philosophy of language, adopt combining positions in their vision of man. Thus, we have demonstrated that he was somewhat capable of appropriating the cultural object – the written form – to integrate facets of himself.

Keywords: written language; speech language pathology intervention.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar y discutir el manejo terapéutico fonoaudiológico en un caso de escritura, siendo también abordados aspectos referentes al contexto educacional y al ambiente familiar del paciente en cuestión. Se trata de un joven de 18 años de edad, llamado aquí Eros, que presentaba poco desarrollo en la producción de escritura y restricción del universo cultural, y que fué atendido durante nueve meses. Son tomados como referencia conceptos de Winnicott y Bakhtin, autores que, dentro de sus campos de conocimiento, psicoanálisis y filosofía del lenguaje, adoptan posiciones que se combinan con respecto a la visión de hombre. Com esas bases teóricas, demostramos que él paciente presentaba cierta condición de apropiarse del objeto cultural escrito para integrar facetas de si mismo.

Palabras claves: lenguaje escrita; intervención fonoaudiológica; manejo clínico.

* Mestre em Fonoaudiologia pela PUC-SP. ** Doutora em Linguística Aplicada pela USP.

Destacamos neste artigo a importância de o fonoaudiólogo não se restringir a práticas corretivas em seu cotidiano clínico, abrindo campo para ofertar aos pacientes um espaço propício para a criação no universo da linguagem oral e/ou escrita. Essa questão tem sido bastante discutida no campo fonoaudiológico e remonta aos primórdios da constituição histórica da área, à constante busca de abordagens que não percam de vista a condição humana e a necessidade de considerar, sempre, o contexto de vida dos pacientes antes de diagnosticá-los a partir de padrões de funcionamento.

Para problematizar a questão, apresentamos aqui o caso clínico de um paciente que, na ocasião do atendimento fonoaudiológico, tinha 18 anos de idade e cursava o segundo ano do ensino médio.

Nossa opção por uma abordagem metodológica de estudo de caso deve-se ao fato de ser esta uma perspectiva que privilegia a compreensão do fenômeno dentro de seu contexto de vida real, perfeitamente adequado às investigações em que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão rigidamente definidos. Trata-se de um estudo de caso clínico único, cujos dados foram colhidos de relatórios enviados à escola, textos produzidos pelo paciente em momentos significativos do processo terapêutico, anotações e dados que permaneceram na memória da fonoaudióloga-autora.

O texto está organizado em três partes. Na primeira – O caso Eros – apresentamos os dois relatórios enviados pela fonoterapeuta à escola de Eros, para a coordenadora pedagógica que fez o encaminhamento ao trabalho fonoaudiológico. Neles constam as primeiras impressões da fonoterapeuta e a maneira como iniciou e deu continuidade ao trabalho. Também nessa primeira parte é relatado o impasse que foi estabelecido a partir do posicionamento da escola diante do desempenho pedagógico do paciente. Como se trata da exposição do caso clínico atendido por uma das autoras deste texto, nessa primeira parte optamos por manter a primeira pessoa do singular.

Na segunda parte – Aspectos do manejo clínico – selecionamos alguns pontos do manejo assumido pela fonoterapeuta que nos pareceram significativos no processo terapêutico e os analisamos tendo como referência teórica preceitos de Winnicott e de Bakhtin. Autores contemporâneos, cada em sua área de conhecimento (psicanálise e filosofia da linguagem, respectivamente), Winnicott e Bakhtin criticavam conceitualizações que pouco

consideravam a importância do outro na constituição do ser e da linguagem e que se restringiam à análise do psiquismo individual e/ou à apreensão estritamente individual dos recursos necessários para o estabelecimento de situações dialógicas. Por essa razão, procuramos aqui aproximar os dizeres de ambos para formular possíveis compreensões do caso clínico apresentado.

A terceira parte retoma o caso clínico com um relato sobre o final do contato com o paciente; e novamente optamos, então, por utilizar a primeira pessoa do singular.

Cabe ainda um adendo: a razão do subtítulo do artigo (que de início pode causar certo estranhamento), *o caminho percorrido por Eros para encontrar a princesa adormecida*, bem como outros, que aparecem no decorrer do texto, só ganharão sentido ao final. Contamos, então, com a tolerância e flexibilidade do leitor, com sua abertura para o registro poético e para a busca de expressividade das autoras, ainda que estejamos no âmbito acadêmico.

Primeira parte

O caso Eros: um sono profundo, idas e vindas, retrocessos, um ou outro acerto em meio a tantos atalhos

Na ocasião do atendimento fonoaudiológico, que durou nove meses (de março a dezembro de 2005), Eros tinha 18, 6 anos de idade. A indicação para o trabalho foi feita pela coordenadora pedagógica da escola, na qual o paciente ingressara no ano anterior, 2004, para cursar o primeiro ano do ensino médio, sendo que ele já havia sido reprovado duas vezes em anos anteriores, em outra escola. Segundo essa coordenadora, Eros vinha apresentando sérias dificuldades de aprendizado, e embora já tivesse alertado os pais e sugerido que procurassem especialistas, eles demoraram a fazê-lo, o que, na opinião dessa profissional, indicava negligência em relação ao problema.

Por outro lado, a mãe, familiar que procurou a fonoterapeuta, dizia sofrer muito com a situação, e enfatizava que havia optado por essa escola justamente pelo compromisso assumido, na ocasião da matrícula, de que o filho seria acolhido em suas dificuldades, que, segundo ela, eram relativas ao relacionamento com colegas. Logo no início do atendimento, satisfeita, a mãe contou que, pela



primeira vez, Eros havia conseguido pertencer a um grupo de amigos; porém, reclamava da falta de tolerância da coordenadora para com os problemas pedagógicos do filho.

A seguir, apresentamos, então, os dois relatórios enviados pela fonoaudióloga para a coordenadora pedagógica e os impasses que foram vivenciados durante o atendimento. Consideramos que esse material é de suma importância não só para a compreensão do caso clínico aqui em foco, como para refletirmos sobre diversas questões que se fazem presentes no cotidiano dos consultórios fonoaudiológicos, especialmente no que se refere à apreensão da linguagem escrita.

1º Relatório enviado à escola

Período de atendimento: março a julho de 2005

Em nosso primeiro encontro, logo percebi que Eros é um rapaz tímido. O seu tom de voz era baixo, por vezes prejudicando a inteligibilidade do que dizia. Pareceu-me ser também uma pessoa afetiva, mantinha uma expressão simpática no rosto e se dispôs a estabelecer um vínculo comigo. Quando lhe perguntei sobre a escola, suas respostas foram vagas, pouco precisas, dando-me a impressão de que não sabia ao certo o que se passava com ele; dizia apenas que estava indo mal em várias disciplinas, o que vem se repetindo desde os primórdios de sua vida escolar.

De fato, segundo os relatos da mãe e, no decorrer do processo terapêutico, do próprio Eros, a relação dele com o conhecimento formal (universo acadêmico) sempre foi bastante difícil. Os pais eram constantemente chamados pelos diversos coordenadores educacionais das escolas que frequentou, sendo alertados de que o filho apresentava dificuldades para aprender. Com isso, Eros passou por vários especialistas, como psicopedagogos e médicos neurologistas – estes, segundo a mãe, não diagnosticaram problemas orgânicos que justificassem as dificuldades apontadas pelas escolas.

Pesquisando um pouco mais junto à mãe, que é o familiar com quem venho mantendo uma interlocução, suponho que as primeiras dificuldades escolares apresentadas por Eros talvez não passassem de etapas naturais do processo de apropriação de conhecimento, mas que foram, apressadamente, vistas como indicativas de limitações. Assim, no que se refere à escrita, por exemplo, as “dificuldades” iniciais de Eros ocorriam em exercícios que consistiam, somente, em treinos descontextua-

lizados, que pouco têm a ver com a linguagem escrita propriamente dita. Minha hipótese é de que esses entraves iniciais foram ganhando contornos de grandes problemas, quando talvez apenas indicassem características pessoais de apreender informações de diversas naturezas.

Segundo Eros, nessa ocasião, várias vezes ele foi ridicularizado e humilhado em sala de aula, o que contribuiu para que se afastasse dos mais diversos campos do saber. Por alguma razão, talvez reforçada pela dinâmica familiar, Eros foi incorporando a imagem de que é pouco capaz intelectualmente. Seus erros, naturais em um processo de desenvolvimento, foram sendo considerados inaceitáveis por ele mesmo, indícios e provas de sua incompetência para aprender. Isso deve ter lhe causado grande sofrimento, sendo que, para suportá-lo, parece ter adotado como medida certo distanciamento de tudo, mantendo-se em um estado de consciência entre o sono e a vigília.

A intolerância de Eros com os próprios erros parece ser bastante grande; com isso, instala-se um círculo vicioso, qual seja: para vir a saber algo, é necessário admitir que não sabe; mas se não saber é tomado como sinônimo de incapacidade, então a tendência é encontrar maneiras de fugir do desconhecido. Instala-se a desconfiança – fica difícil discernir o que é dúvida plausível ou sinal de incompetência para aprender, e a generalização “sou burro, incapaz” toma conta, impedindo a curiosidade e a criatividade.

No início de nosso trabalho, frequentemente Eros se mostrava cansado, abria a boca de sono várias vezes e dizia ficar muito entediado com as leituras que eu propunha. Segundo me relatou, é dessa forma que ele ainda permanece em parte do tempo no espaço escolar, diante das atividades que são propostas.

Mas a disposição de Eros mudava completamente quando o tema era futebol, o que também acontecia quando lhe pedia que produzisse textos sobre esse esporte.

Como exemplo, apresento a seguir os dois primeiros textos escritos por Eros a partir de leituras feitas nas sessões. No primeiro deles, solicitei que fizesse uma indicação de jogos eletrônicos, supondo que seus interlocutores fossem jovens leitores do caderno Folhateen (jornal Folha de S. Paulo). O texto é confuso, circular e absolutamente não condiz com a faixa etária de Eros. Parece mesmo produzido por alguém que pouco exercitou a es-

crita. Já no segundo, observamos uma mudança radical. Embora ainda com problemas, é um texto que mostra um domínio maior, tanto na forma de estruturação das idéias quanto no que diz respeito a aspectos mais objetivos da língua, como

pontuação. Também há um tom de contundência, um posicionamento típico de um texto de opinião. Esse segundo texto foi produzido depois de lermos vários artigos de um jornal esportivo bastante lido por Eros.

Jogos, a sensação dos jogos.

O jogo que é lançado este ano, foi a sensação entre os jogos, com o lançamento do jogo Need for speed 2 com seus novos gráficos e jogabilidade. Este jogo contém carros e missões novas, o personagem é livre em uma cidade em que o realismo da vida real é a mesma neste jogo.

Este é o jogo em que a perfeição e a tecnologia torna um ~~novo jogo~~, usando os ~~capas~~ público jovem que gostam de jogos cada vez mais perfeitos.

Parreira precisa melhorar

O atual treinador do Brasil, Luis Alberto Parreira, continua sendo um treinador retrógrado, que não sabe utilizar os melhores jogadores do mundo, em um time que é quase campeão do mundo. Isso é, o seu modo de treinar é totalmente desigual em relação ao ~~modo~~ ^{estilo} de jogar seus jogadores (jogadores).

O time do Brasil não pode ficar empacando ou ganhando só de um a zero de times inferiores, a seleção precisa ser mais ofensiva e deixar os jogadores mais livres para mostrarem que sabem jogar de melhor. Se o Brasil continuar assim, vai ser eliminado logo nos próximos jogos da copa do mundo.

A partir desse primeiro momento, pude observar então que as reais condições de meu paciente para aprender tendem a aparecer quando ele se atém a materiais de seu interesse; especial-

mente quando as condições de produção lhe são favoráveis, já que, como leitor de textos que circulam nessa esfera jornalística, ele parece ter apreendido muitas de suas características e leis de



organização. Nessas ocasiões ele presta atenção, articula idéias, compreende o que lê, dispõe-se a desvendar, pelo contexto, o significado de palavras desconhecidas. Enfim, ele se mostra mais presente, mais vivaz e, portanto, com mais possibilidades para aprender.

Venho então explicitando essa diferença a Eros. E procuro propor trabalhos que tragam o universo do futebol. Além da sugestão para que comente por escrito os jogos, em outras ocasiões propus que discutisse e se posicionasse sobre as polêmicas recentes envolvendo jogadores – o preconceito racial contra Grafite e o envolvimento com drogas do filho de Pelé. Lemos reportagens e textos de opinião sobre ambos os temas, e Eros foi então se mostrando cada vez mais interessado e com disposição para compreender as polêmicas.

Abordamos também em nosso espaço de trabalho outros temas, todos registrados a partir de textos lidos e comentados: MSN, pichação, busca de armas alternativas pelo exército americano, mensalão, GPS. Nessas ocasiões, também percebo o quanto meu paciente pouco sabe sobre assuntos que circulam socialmente, e não raramente me surpreendo com o seu desconhecimento de palavras bastante comuns, com a restrição de seu repertório cultural.

Para ampliá-lo, também utilizo jogos de tabuleiro que abordam informações bem genéricas e exigem que os jogadores estejam atentos no mundo. Um deles é o Perfil (GROW). Por meio de dicas sobre as características de uma personalidade, de uma coisa ou de um ano, o jogador deve adivinhar a resposta correta. Certa vez, sugeri a Eros que montássemos cartelas semelhantes, com cinco dicas. Eu teria de adivinhar uma personalidade escolhida por ele, que foi Bill Gates. Muito interessante observar que Eros tem sim um repertório, embora bem limitado a temas de seu interesse – informática é um deles.

O objetivo do trabalho fonoaudiológico é então a ampliação do universo cultural de Eros. Não estou ainda corrigindo seus textos, pois não acredito que ele possa usufruir desse tipo de orientação.¹ Por vezes, apenas indico um aspecto ou outro ao qual ele precisa se ater, como a repetição de palavras e a circularidade. Ele ainda

precisa se fortalecer; identificar a natureza de suas dificuldades para poder superá-las, encarar seus erros como possíveis de serem revistos e não como sinais de um fracasso intransponível.

Também tenho focado em nossos encontros outro aspecto que considero fundamental: o futuro de Eros em termos profissionais. Nesse acordar de um sono profundo, ele está começando a se ver como um rapaz de 18 anos. Precisa, portanto, começar a pensar em uma possível profissão. Várias vezes ele referiu que se interessa por robótica. Então, temos pesquisado em sites e em revistas especializadas sobre o tema.

As leituras de Eros já começam a me surpreender positivamente, e temos conseguido fazer reflexões importantes, inclusive retomando conteúdos de outras disciplinas escolares, como História. Por exemplo, em um texto que lemos, o autor dizia que a robótica significa uma segunda Revolução Industrial. A partir dessa idéia, retomamos a primeira Revolução Industrial, o que significou na organização econômica e social, e chegamos até o tempo dos artesãos. Eros ia então se lembrando de alguns desses pontos aprendidos na escola, como se tivesse, pela primeira vez, experimentando o exercício de ligar informações para constituir um todo significativo.

Considero que, dada a complexidade da questão, temos conseguido alguns ganhos. Tenho diversificado cada vez mais os temas das leituras e já venho fazendo intervenções nos textos produzidos por Eros. Também tenho proposto que produza resumos; para tanto, ele precisa identificar, em suas leituras, quais as informações mais importantes. Ele tem trazido os cadernos e alguns textos de disciplinas como geografia e história, o que, no geral, tem me parecido bastante produtivo.

Diante disso, fui tendo clareza de que meu trabalho com Eros é o de despertá-lo de um sono profundo. Acredito mesmo que se trata de uma pessoa que precisou se anestésiar para não sofrer, mas agora precisa acordar e isso não pode acontecer de forma abrupta. É preciso muito cuidado, pois não sabemos ao certo o que o levou a permanecer por tanto tempo nesse estado. Tenho feito isso através da palavra escrita.

¹ Sobre a importância de o fonoaudiólogo buscar situações significativas para fazer correções mais pontuais nos textos de seus pacientes cf. Perrotta (2005).

2º Relatório enviado à escola

Período de atendimento: agosto a novembro de 2005

No início deste semestre, Eros ficou bastante animado e esperançoso. Solicitou mais sessões comigo, organizamos planos de estudos, pensamos quais os horários do dia em que ele se mostra mais disposto para estudar, etc. Parecia, mesmo, um novo paciente – mais disposto, mais “acordado” e vivaz, o que refletia bastante na qualidade de seu desempenho nas atividades propostas.

Até que chegaram as notas das provas, especialmente de português e geografia. Decepcionado, Eros voltou a formular idéias muito negativas a respeito de suas condições intelectuais, do tipo: “Está vendo, não adianta, eu estudo e não consigo melhorar!”. Ele voltou, então, a ter muito sono e a se mostrar apático em nossos encontros – dispersava-se nas leituras e pouco articulava as informações para, então, formular alguma idéia própria.

Conversamos sobre o porquê desse “desânimo” e fomos vendo que Eros ainda tem, de fato, muita dificuldade de lidar com a dúvida, o que tem prejudicado, penso, sua performance na escola. Assim, quando qualquer conhecimento se mostra mais complexo e, por isso, gera questões, Eros tende a se dispersar. Ele realmente ainda não confia em sua capacidade de desvendar algo que exija mais abstração. Com isso, ele tende a permanecer no conhecido, no “fácil”.

Foi exatamente essa a situação que ele viveu recentemente na matéria de química. Quando o professor apresentou algo que exigia uma elaboração maior de raciocínio, Eros se atrapalhou e acabou estudando para a prova, apenas, o que já havia aprendido. Disse-lhe claramente: “Enquanto você estudar para tirar nota 5,0 ou 6,0, corre o risco de tirar 4,0 ou mesmo 3,0. Primeiro porque a situação de prova gera estresse e segundo porque o professor, nas avaliações, também dificulta as questões mais fáceis”. A partir disso, volto ao seu ponto nevrálgico: sua certeza de que não é capaz de aprender conteúdos difíceis. É algo bastante complicado de lidar, porque está arraigado, é uma questão crônica e de difícil sustentação.

Vejo como ganho que Eros esteja oscilando entre momentos de vivacidade e outros de apatia. Quando iniciamos o trabalho, a tônica das sessões era quase exclusivamente a desesperança e certa

infantilidade. Hoje, Eros já estabelece diálogos próprios de um rapaz de 18 anos; defende opiniões, brinca com a linguagem, por exemplo, sendo irônico (aliás, para ele, estudar figuras de linguagem foi algo bastante significativo); muitas vezes ele também faz referências a conceitos como Globalização, um dos temas abordados nas aulas de geografia. Como neste texto que escreveu sobre a violência – embora com problemas de elaboração, alguns já trabalhados, Eros mostra uma condição de argumentar, uma tentativa de formular um pensamento, uma opinião.

“Uma das coisas que atinge a sociedade é a violência, que é causada por causa da desigualdade social no Brasil. É um problema que vem se agravando ao longo dos anos, que causa transtorno a todas as classes sociais. Pra mudar as regras desse jogo que é a violência, precisaria como princípio ajudar as pessoas de classe baixa, pois elas na maioria da população brasileira causa tal pânico nas cidades, e o porque disso? Isso ocorre por causa que estas pessoas não possuem uma vida digna, assim, cometendo crimes por causa que é a única solução deles. Para concertar esse problema, seria necessário no mínimo, dar a estas pessoas moradia, e qualquer emprego que seja, para que esta pessoa não cometa erros nas ruas. Se nesse país se todo mundo ajudasse um ao outro e principalmente os prefeitos dos estados, não estaríamos nesta situação tão grande”.

Penso que não é plausível esperar uma linearidade de desenvolvimento – o que é possível, neste momento, é mesmo essa oscilação e, talvez, discretas melhoras no desempenho escolar, até que ele consiga, enfim, voltar a se colocar em marcha rumo a alguma realização pessoal.

Impasses no processo terapêutico: caminhos tortuosos, lugares obscuros, soluções possíveis

Como foi possível constatar, Eros trazia uma história de sofrimento em relação às situações de aprendizado formal. Então, numa tentativa de estabelecer uma interlocução com a escola, procurei enfatizar nos relatórios que as dificuldades do paciente não poderiam ser vistas como derivadas de questões puramente individuais. E, pelo fato de terem sido constituídas ao longo do tempo, por uma série de fatores, a terapêutica fonoaudiológica não poderia se restringir a exercitar capacidades



lingüísticas. Cabia uma investigação cuidadosa, que procurasse retomar aspectos dessa história de sofrimento, concomitante com um trabalho contextualizado e que ampliasse o uso da escrita para além dos gêneros discursivos que circulam no universo acadêmico (cf. Masini, 2005).

O primeiro relatório que enviei à escola teve um efeito positivo. Segundo o próprio paciente e a coordenadora (com quem mantive contato telefônico), alguns professores passaram então a se aproximar mais dele, inclusive fisicamente, um e outro lhe perguntavam se estava tudo bem ou se dispunham a resolver eventuais dúvidas; parecem ter compreendido que a questão não era preguiça ou má vontade. Porém, essa postura mais acolhedora não foi suficiente para reverter os problemas apresentados por Eros – apesar de algumas pequenas mudanças em sua disposição para aprender, ele continuava muito aquém do esperado para sua faixa etária, o que, para a coordenadora, indicava que dificilmente poderia dar conta do conteúdo programático do último ano do ensino médio.

Como não obtive qualquer resposta sobre o segundo relatório, fiz outro contato telefônico com a coordenadora, a partir do qual pude tomar ciência do posicionamento da instituição ante os problemas de meu paciente: o trabalho comigo não era considerado suficiente, Eros precisava de psicólogo, de neurologista, de psicopedagogo. Além do mais, ele só seria aprovado neste momento de seu percurso acadêmico por ser obrigatório, mas como a lei não valia para o terceiro ano, não poderia assumir qualquer compromisso de garantir uma aprovação ao final do ensino médio. Ou seja, se permanecesse na escola, na melhor das hipóteses e contando com a condescendência dos professores, Eros poderia terminar o terceiro ano com quase 20 anos; mas também corria o risco de ser retido nessa série e só finalizar o ensino médio, quem sabe, com 21 anos...

A coordenadora foi enfática em nossa conversa. Eu dizia que me preocupava com mais uma possível reprovação (Eros já havia repetido duas vezes em anos anteriores, em outra escola) e também com a possibilidade que se anunciava de meu paciente perder o círculo de amigos que, pela primeira vez, havia conseguido formar em um ambiente escolar, enquanto ela se colocava como representante da instituição, com um nome a zelar: “O que vão dizer, que nossa escola aprova um aluno sem nenhuma condição, que não domina

os conteúdos curriculares? Sugiro que ele termine o ensino médio em uma escola qualquer”.

Perguntava-me como agir diante desse impasse. Pensei primeiramente em insistir com a escola para que Eros nela permanecesse, sugerindo que lhe fosse exigido um desempenho correspondente às suas possibilidades no momento, ou seja, que ele fosse mesmo considerado um caso de inclusão. Mas logo descartei esse caminho, pois me pareceu arriscado. Para classificá-lo como um aluno que necessitava de um programa de inclusão me pareceu que seria preciso comprovar que tinha alguma deficiência, como de fato supunha a coordenadora, algo de ordem neurológica ou um distúrbio psiquiátrico. Era preciso um diagnóstico para, aí sim, a escola negociar a permanência do aluno.

Mas seria esse um bom caminho? Propor a Eros que iniciasse investigações dessa natureza para atender ao desejo da escola, para a ela se submeter? “Ah! Então ele tem um distúrbio neurológico”. “Ah, agora está explicado, um quadro emocional”, “Ah, trata-se de um psicótico ou quem sabe apenas *boderline*”. “Bem, sendo assim, podemos pensar em algo...”. Essa escola, como outras tantas, parecia não aceitar a idéia de que grande parte do problema atual de Eros havia também sido criada nos bancos escolares, que esse sentimento de incompetência, essa paralisia diante de seu não saber, essa necessidade de se anestesiarem para não sofrer humilhações eram frutos sim de metodologias inadequadas que pouco consideram a pessoa do aprendiz, mais interessadas que estão em investir naqueles que seguem certa linearidade no desenvolvimento. Parece que uma das orientações que têm se tornado de rotina nas escolas brasileiras é fazer encaminhamentos, particularmente para as áreas médicas, em busca de diagnósticos fechados – dislexia, hiperatividade, *boderline*, problemas de processamento auditivo – ou cura por meio de medicamentos – como a famigerada Ritalina. Parece que assim se justifica certa condescendência diante das dificuldades de apreensão dos conteúdos...

Mas e Eros, em que essa busca desenfreada por um rótulo iria favorecê-lo? Não estaríamos assim impedindo mais uma vez que se visse para além dessa auto-imagem tão arraigada de garoto incapaz de se desenvolver intelectualmente? Parece-me que a escola não compreenderia que considerar a história de Eros nos processos avaliativos das diversas disciplinas e procurar formas de atender suas necessidades, caminhos em que ele pudesse expres-

sar algumas de suas condições de desenvolvimento, embora estas não estivessem de acordo com o padrão, não significava esmorecer, condescender nem mesmo protegê-lo excessivamente, mas sim lhe oferecer alguma possibilidade de ir adiante, apesar de prováveis comprometimentos e a partir de suas limitações, constituídas historicamente.

Possível rompimento do caminho fadado

Decidi então abrir o jogo com Eros e contar a ele exatamente o que havia conversado com sua coordenadora, bem como minhas impressões, opiniões e posicionamentos. Decidi tratá-lo como um rapaz de 18 anos, apto a tomar decisões. Foi mesmo uma das sessões mais marcantes de meu percurso profissional. Tinha em mente que precisaria dar-lhe uma notícia difícil, qual seja, que seus esforços não haviam sido suficientes para a escola vê-lo como um aluno capaz de continuar a frequentá-la, que havia o risco de uma reprovação se ele decidisse cursar o terceiro ano na mesma instituição e que uma possibilidade era fazer o que havia sido sugerido pela coordenadora: finalizar o terceiro ano em uma escola pouco conceituada, uma escola mais fácil. E tudo isso não poderia ser visto como mais um fracasso de Eros.²

Havia também claramente questões ambientais do âmbito familiar que não poderiam ser ignoradas. Eros dependia enormemente de sua mãe, e por tudo que conversamos e também pelos relatos que ela me fez em nossos encontros, concluí que ela havia sido excessiva em seus cuidados, o que me parece ter se acirrado ainda mais quando as dificuldades iniciais do filho na escola foram sendo apontadas. Era-lhe difícil entender, aceitar essas dificuldades e obviamente também constatar sua implicação em tudo isso. Na ocasião em que iniciamos o trabalho, a mãe trazia uma ansiedade muito grande. Também ela parece ter feito companhia a Eros em seu sono profundo, mas despertara antes dele e desesperava-se, pois de repente viu que ele era agora um rapaz de 18 anos ainda tão sem perspectivas de futuro. Queria recuperar o tempo perdido, não sabia como, inconformava-se com a imobilidade do filho. Oscilava entre esperar que ele agisse por conta própria e agir por ele.

Eros também oscilava entre explosões de raiva contra a mãe pela presença excessiva em sua vida e momentos em que exigia que ela agisse no lugar dele, decidisse por ele. Estava difícil para ambos equilibrar essas tendências. Estava difícil cada um seguir seu caminho depois de terem permanecido por tanto tempo compartilhando os mesmos sonhos, tão unos em seus alheamentos. Pedacos, ilhas em um oceano de sono, de muito sono. Era como se Eros se mantivesse, então, como um bebê, que tem a necessidade de dormir muito durante o dia – é bom lembrar que, nesse período inicial do desenvolvimento, também as mães entram nesse estado de sonolência junto com seus filhos recém-nascidos.

Um exemplo que ilustra essa situação tão delicada era a dificuldade que Eros apresentava de se localizar no espaço físico. Mais de uma vez ele precisou telefonar para a mãe pedindo para que ela viesse buscá-lo em algum lugar, pois tomara um ônibus, descera no ponto certo, mas não conseguia saber para onde ir, se subia ou descia a rua para chegar a sua casa. Em uma de nossas sessões ele mesmo me relatou esse tipo de acontecimento, e ficamos vendo todas as condições que ele efetivamente tinha para sair sozinho da situação – coisas muito básicas, como: perguntar a alguém, localizar-se pela numeração da rua... nada que não estivesse a seu alcance, mas Eros parecia perder todas as condições de acessar recursos, mesmo os mais simples, quando se via sozinho. Ele parecia sempre estar acordando de um sono longo e não poderia agir como se já tivesse desperto quando ainda estava sonolento. De fato, não era fácil sustentar esse estado letárgico de meu paciente.

Tanto Eros quanto a mãe se envergonhavam desse tipo de situação e temiam que fosse um indicativo de algo gravíssimo. Talvez fosse, não estamos aqui negligenciando a importância dos diagnósticos, mas a questão que se coloca é quando e por que fazer esse tipo de pesquisa, de encaminhamento. Certamente, é preciso, antes, construir um forte vínculo com o paciente e seus familiares, além de certa tolerância ao ritmo particular deles. Pelo que vinha observando, a tendência da família era escamotear o problema, não, como pensava a coordenadora, por displicência, mas pela dor que ter um filho com problemas causa em qualquer casal. Por vezes, parece que fechar os olhos e adormecer é a única ação possível.

² Sobre a importância de “situar o sujeito-aprendiz em uma dimensão histórica e social” cf. Berberian e Massi (2006, p. 45).



Mas voltemos ao dia em que conversei com Eros sobre sua situação na escola. Contei detalhadamente minha conversa com a coordenadora. Nesse momento, Eros encontrava-se bem desperto, me ouviu com atenção e ficou profundamente triste. Esperei, permanecemos os dois em silêncio. Até que Eros disse que não gostaria de sair da escola mais uma vez, perder os amigos. Dei razão a ele e passamos a analisar a questão pelos mais diversos ângulos: de política institucional, familiares e também pessoais. Chegamos juntos à conclusão de que o melhor seria mesmo apressar a saída da escola e não arriscar mais uma reprovação. Cada vez mais Eros inclinava-se para a área de informática. Por que então não procurar um curso técnico?

Penso que conseguimos, nesse dia, ir adiante. Com o tempo, Eros começou a melhor digerir a idéia, comunicou-a a sua mãe, com quem também conversei para pensarmos em como agir. Juntos, pesquisamos uma escola com menos carga horária e fomos lidando com as inúmeras frustrações, mágoas e dores que essa situação despertou em todos. Não havia sido isso obviamente que os pais idealizaram para o filho em termos de desenvolvimento intelectual. Como qualquer família de classe média alta (embora o pai, depois de ocupar por muito tempo um alto cargo em uma empresa, tivesse sido despedido e passasse por grandes dificuldades de se recolocar no mercado de trabalho, o que vinha levando a família a problemas financeiros), o ideal era investir nos filhos (Eros tinha uma irmã mais nova, que trabalhava e estudava, sendo por vezes citada pela mãe como uma garota mais fortalecida, que se desenvolvia sem grandes dificuldades) para que freqüentassem boas escolas, assim garantindo-lhes um futuro promissor. Especialmente a mãe revoltava-se com a postura da coordenadora, sentia-se injustiçada, pois a opção por essa escola havia se dado justamente pela postura mais acolhedora que todos demonstraram a princípio.

Ficou muito claro que era preciso buscar algum rompimento. Pareceu evidente que Eros jamais conseguiria sustentar a complexidade de sua dificuldade com o universo acadêmico nele permanecendo. Finalizar essa etapa e dar início a outra, em que o conhecimento estaria mais voltado para a vida prática e envolveria alguma aptidão de Eros, pareceu o melhor caminho.

Segunda parte

Aspectos do manejo clínico: o difícil encontro consigo mesmo

Diante do que foi até então apresentado, há sem dúvida inúmeros aspectos referentes ao desenvolvimento psíquico de Eros que poderiam ser apontados e elucidados. Optamos, no entanto, por nos ater a uma questão que tem nos parecido primordial para a área: o manejo no espaço terapêutico fonoaudiológico, conforme definição de Winnicott. Trata-se do ambiente, aqui representado pela terapeuta, que oferece condições para que experiências constitutivas possam ocorrer, e o paciente coloque o seu desenvolvimento em marcha (Cf. Winnicott, 1954-5, e também Khan, 1968).

Em primeiro lugar, é preciso considerar as razões que levam as pessoas a procurarem esse tipo de intervenção clínica, quais sejam: dificuldades de diversas naturezas na elaboração de um dizer próprio, o que pode indicar alguma questão no que se refere ao relacionamento com o mundo externo bem como ao sentido do sentimento do eu. Nessa medida, há que se perguntar se nossa prática contribui para que essas pessoas não só adquiram recursos e condições para se adaptarem como também possam dinamizar e dar vazão a características próprias que as diferenciam no mundo dos homens.

Aqui estamos nos remetendo a expectativas que freqüentemente perpassam o espaço terapêutico fonoaudiológico, referentes ao bem falar, bem ler e bem escrever. De fato, não há razão para negar que a prática da oralidade, da leitura e da escrita é uma constante nessa clínica e assim deve ser para que o fonoaudiólogo se mantenha em sua especificidade, mas a maneira como essas modalidades lingüísticas serão abordadas é que fará a diferença (cf. Garcia, 2005; Mori-De Angelis, 2005; Masini, 2004). É ela que contribuirá ou não para que aquele que procura esse tipo de trabalho possa transformar não só sua relação de sofrimento com a linguagem³ como também, e principalmente, possa se transformar em uma pessoa enriquecida, capaz de fazer escolhas e com o sentimento de que tem condições de ir adiante, de se realizar, e assim ofertar ao mundo dos homens uma contribuição pessoal.

³ Lembramos aqui a importante contribuição de Masini (1999), que foi a primeira fonoaudióloga a nomear e refletir sobre a relação de sofrimento com a linguagem que caracteriza a demanda da clínica fonoaudiológica.

O que estamos querendo dizer é que o aprendizado, a apreensão de conhecimentos de linguagem faz parte sim do cotidiano da clínica fonoaudiológica; resta ao profissional escolher então qual abordagem irá consagrar em sua prática; se irá privilegiar, pura e simplesmente, mecanismos de adaptação ou se será capaz de equilibrá-los com a força criativa que não raras vezes, de modos bastante diversos, nem sempre facilmente identificáveis, faz-se presente nos pacientes.

A prática de visitação a gêneros discursivos diversos, baseada na concepção de linguagem bakhtiniana (cf. Perrotta, Märtz, Masini, 2005) nos parece estar de acordo com a segunda proposição. Com Eros, a suposição era de que a escrita poderia favorecer a integração desse universo em pedaços em que ele parecia circular. Além disso, o trabalho com gêneros diversos poderia levá-lo a se ver como integrante de um grupo social, com idéias semelhantes, concordantes ou não, mas sempre possíveis de serem organizadas em um todo significativo, comunicadas e compreendidas pelos interlocutores. A idéia era retirá-lo de seu alheamento, indicando caminhos possíveis de expressão. Algo como: “Estando acordado, como me coloco no universo ao meu redor, apreendendo criativamente valores, problemas, enfim, aspectos do ethos, oferecendo minha contribuição pessoal?”. A escolha profissional também teria essa dimensão.

Então, nesse caso, as propostas de escrita tinham claramente a intenção de propiciar a Eros que integrasse algo dentro de si que o impedia de ligar as coisas – por exemplo, os conteúdos das matérias da escola eram aprendidos em parte, e essas partes não se ligavam ao que lia ou ouvia depois ao seu redor; quando conseguia alguma integração no espaço terapêutico, logo tudo parecia se perder, pois Eros, depois, pouco se recordava desses momentos. Outro exemplo marcante: os recursos para voltar para casa também pareciam se perder. Talvez ele se sentisse muito desprotegido, e, por vezes, recorria à idéia de defender-se por meio da violência, como foi o caso da veemente defesa que fez da utilização de armas pelos cidadãos comuns: “Irei votar ‘não’ no referendo do dia 23, pois sou contra o desarmamento. Não acho justo tirar o direito das pessoas de se defenderem, e a violência não vai parar, pois os bandidos recebem as armas vindas dos países de fora. Uma outra repercussão que pode ocorrer é se vai acontecer um investimento maior com mais eficiência na questão do policiamento, que poderá

até substituir a venda de armas em segurança nacional. Como eu acho que isso não poderá ocorrer, e se um dia acontecer, com certeza vai demorar o investimento em policiais nas ruas, assim, não concordo com o desarmamento”.

Aqui chamamos a atenção para uma questão fundamental: o quanto certas produções escritas apresentavam com exatidão determinados temas que pareciam bastante significativos naquele momento da vida de Eros. No primeiro texto sobre futebol que escreveu, encontramos a exposição clara de um problema: um técnico de futebol que não está ajudando ou permitindo que seus comandados/jogadores desenvolvam/mostrem seus mais genuínos talentos. Afirma Eros: “o seu modo de treinar está totalmente desigual em relação ao estilo de seus jogadores (...) [o técnico deveria] deixar os jogadores mais livres para mostrarem o que sabem fazer de melhor (...) se continuar assim o Brasil vai ser eliminado logo nos primeiros jogos da copa do mundo”.

Não seria essa justamente uma questão vivida por Eros no espaço escolar? Qual seja: seus treinadores/professores/representantes do universo acadêmico não estavam permitindo que um de seus alunos (certamente muitos deles...) desenvolvesse seu estilo com liberdade, correndo este então o risco de ser eliminado.

Quanta lucidez a de Eros! E que interessante essa condição que apresenta de se utilizar da linguagem escrita para expressar uma questão tão pertinente – ele se refere nesse texto ao significado de assumir uma posição de liderança, ao papel das autoridades e à responsabilidade que têm diante das pessoas que pretendem orientar... Estamos, pois, diante não só da apresentação de um tema pessoal como também de um tema da vida humana, que diz respeito às relações entre as pessoas. Há uma clara sinalização, por meio da palavra, de uma condição, ainda que embrionária, de o paciente se apropriar criativamente tanto de facetas de si-mesmo como de algo comum a todos, de uma construção coletiva – a escrita. Então, ao mesmo tempo em que se mantinha alienado, Eros por vezes acordava, e aí muito tinha a contribuir para o entendimento do mundo.

Curioso observar também que quando aborda a questão da violência e da forma como dela a sociedade precisa se defender, vemos um domínio maior da escrita e um tom de contundência que dá personalidade à composição textual – talvez esse



fosse outro tema fundamental na vida de Eros: o sentir-se desprotegido, com poucos recursos próprios para se amparar em situações difíceis, de perigo, talvez um apontamento de que pouco havia internalizado dos primeiros cuidados maternos.

De qualquer maneira, embora fosse clara certa fragilidade na constituição do eu, mais uma vez estamos sim diante da formulação de uma forma de pensar, compartilhável, de uma condição de, acionando vivências, experiências pessoais, colocar-se diante do outro para então ser ou não contestado. Parece que, nesses momentos, algo se reunia dentro dele, ganhava corpo, materializava-se para ganhar um terreno comum a ser compartilhado com os outros, seus interlocutores. Importante lembrar aqui o conceito bakhtiniano de ressonância dialógica – tudo que dizemos encontra lugar, é um elo de uma cadeia maior de comunicação histórica; faz referência, portanto, a dizeres ou enunciações passadas e aponta, necessariamente, para o que vai ser ainda formulado no futuro. Isso remete a outro conceito, o de atitude responsiva ativa, assumida pelo interlocutor para o qual dirigimos o que temos a dizer. Nossas publicações só se completam se forem discutidas, debatidas (Masini, 2006).

Então, pensando em termos do uso que Eros pôde fazer do objeto de conhecimento escrita, vemos que nesses textos ele imprimiu a própria personalidade nesse objeto; sua atenção estava voltada para algo de si-mesmo tão fundamental que ele se concentrou muito mais, reuniu-se, utilizou um elemento da realidade externa – linguagem escrita – para dizer algo que o apresentava ao mundo dos homens. Estamos aqui nos referindo também aos estudos de Marion Milner (1950) sobre a função simbólica e a importância da subjetividade na constituição da realidade. Essa autora, psicanalista inglesa, ressalta em sua obra justamente que conseguimos produzir melhor (no caso, ela se volta para o desenho, mas podemos sim fazer uma analogia com a escrita) quando vemos a possibilidade de marcar nossa própria subjetividade no objeto (lápiz de cor, tintas, palavras...). Revivemos então, nesses momentos, algo originário, um estado psíquico fundamental que nos constitui desde o início, e que

é, na visão da autora, não tanto o encontro com a mãe, mas sim o impacto estético da fusão do *self* com o objeto, que remete à questão da ilusão winnicottiana – ou seja, o bebê encontra aquilo que cria (cf. Winnicott, 1988).

No caso da clínica fonoaudiológica, surge aqui uma questão delicada e bastante importante: quando e como intervir nos textos de nossos pacientes?⁴ No caso aqui em foco, destacamos anteriormente que a fonoterapeuta não teve pressa de corrigir os erros apresentados por Eros; antes, ofertou um espaço para que ele se encontrasse com esse objeto perdido, para que procurasse uma maneira própria de com ele dialogar, interagir, de modo que ele se tornasse genuinamente uma possibilidade de expressão de questões fundamentais. E isso justamente foi sonogado pela escola, que lhe apresentou a escrita como algo pouco significativo, descolado, excessivamente objetificado, com destaque maior do sistema de funcionamento, das regras, do que é estável.

Mas a subjetividade não é estável, não é linear, e nossas produções também não o são! Basta o leitor pensar alguns minutos sobre sua própria relação com o objeto escrita para saber do que estamos falando. Sente-se agora diante do computador e escreva sobre futebol, por exemplo, supondo que este não é um tema que lhe apetece. É apenas um exercício descontextualizado, através do qual o leitor não terá possibilidade de encontrar algo de si, desvendar algo inédito sobre si, conhecer-se, constituir-se ou se apresentar aos outros, seus interlocutores. Sim, o leitor pode até mesmo acabar por produzir um bom texto, bem formatado, supondo que tenha domínio das regras da língua, mas isso não significa que terá efetivamente vivido uma experiência de criação.

E é disso que se ocupa o fonoaudiólogo: ofertar aos pacientes um espaço propício para a criação no universo da linguagem oral e/ou escrita. Para tanto, destacamos aqui a importância da função de *holding* assumida pela fonoterapeuta – combinada com a concepção de linguagem que embasou o trabalho. É importante lembrar aqui algo que tem sido assinalado constantemente por Safra (2006): mais do

⁴ Em artigo anterior, também um estudo de caso de escrita, Perrotta (2002) aborda a questão, ressaltando que a produção da paciente em foco não poderia ser vista pelo terapeuta “apenas de maneira objetiva como a manifestação pura e simples de grandes dificuldades de organização textual ou mesmo de domínio de certo gênero discursivo”. E destaca a importância de observarmos indícios nos textos de nossos pacientes que possam impulsioná-los para a criação de um dizer próprio, “para a transformação e recuperação do desejo de ser”.



que sustentar o bebê em seus braços, o *holding* diz respeito à condição da mãe de sustentar o filho dentro de si, em sua interioridade, em sua memória – só assim ele pode ser em continuidade, constituir o *self*. No caso aqui apresentado, destacamos o fato de a terapeuta trazer às sessões materiais do interesse de Eros, como futebol e robótica – com isso, assinalava ao paciente o quanto ele havia conquistado uma morada, um lugar de existência na memória de um outro. Foi por meio dessa função que Eros foi se encontrando e começando a colocar sob domínio do eu⁵ questões que foram e certamente continuarão a ser determinantes em seu desenvolvimento. Isso significa dizer que as humilhações e os sofrimentos pelos quais passou no universo acadêmico não serão superados; antes, poderão ser sustentados pelo próprio Eros, e assim ele certamente encontrará novas formas pessoais de lidar com o conhecimento, marcadas por essa história de angústias, dores e de tantos danos às suas reais capacidades de desenvolvimento.

Terceira parte

No fim da estrada... um novo encontro

Retornei minhas atividades profissionais em fevereiro de 2006, e esperei que Eros me procurasse até março deste mesmo ano. Como isso não ocorreu, tomei a iniciativa e liguei para saber notícias. Na ocasião, conversei com sua mãe. Eros estava cursando o supletivo (atualmente conhecido como EJA) correspondente ao terceiro ano do ensino médio, de acordo com decisão de sua mãe. Deveria finalizá-lo já no primeiro semestre. Iniciou no período da tarde um curso técnico de informática no Senai, também por iniciativa da mãe.... Em janeiro trabalhou como estagiário em uma empresa de computadores, iniciativa do pai, desmontando e montando impressoras. Os pais gostariam que ele tivesse feito outras atividades nesse primeiro emprego, mas Eros os surpreendeu com o que disse a esse respeito; segundo a mãe, aquilo significou uma espécie de lição para ambos: “É assim mesmo, a gente tem de começar de baixo”.

Sugeri então que Eros voltasse ao nosso trabalho, tanto para retomarmos o que vínhamos

tratando, a ampliação de seu universo cultural por meio da linguagem escrita, pelo exercício de vários gêneros discursivos, e suas questões com o aprendizado de maneira geral, sua frustração excessiva diante do não saber, certa tendência em se alienar para não sofrer, como para pensarmos em uma indicação para uma terapia de natureza psicanalítica. Mais uma vez, Eros não me procurou. Mais uma vez, procurei por ele. Não o encontrei. Soube pela mãe que ele estava conseguindo tirar notas médias na escola, o que continuava sendo motivo de frustrações para ela. No entanto, no curso de informática, ele começava a se destacar e a ser reconhecido pelas contribuições que trazia ao grupo. Enfim, começava a se diferenciar, a mostrar talentos pessoais.

O nosso trabalho finalizou, então, em dezembro de 2005. Não sei se ainda terei notícias de Eros. Mas hoje vejo o quanto também pude, com ele, reconhecer algo inédito sobre minha maneira de ser terapeuta. É assim mesmo, estamos sempre começando de novo, do início, do mais simples, do encontro humano. Assim vamos adentrando no que é mais complexo, nessa busca incessante do si-mesmo, tão bem retratada no poema *Eros e Psique*, de Fernando Pessoa (1934, in *Cancioneiro*):

Conta a lenda que dormia/ Uma princesa encantada/
A quem só despertaria/ Um infante, que viria/ De
além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado, / Vencer o mal e o bem,/
Antes que, já libertado, / Deixasse o caminho errado/
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida, / Se espera, dormindo espera,/
Sonha em morte a sua vida, / E orna-lhe a fronte
esquecida, / Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado, / Sem saber que intuito tem,/
Rompe o caminho fadado, / Ele dela é ignorado,/
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –/ Ela dormindo
encantada, / Ele buscando-a sem tino

Pelo processo divino/ Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro/ Tudo pela estrada fora,/
E falso, ele vem seguro, / E, vencendo estrada e
muro, / Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera, / À cabeça, em maresia,/
Ergue a mão, e encontra hera,

E vê que ele mesmo era/ A Princesa que dormia.

⁵ Essa expressão tem sido usada por Safra, para destacar a importância de o paciente se apropriar dos temas fundamentais de sua existência e que fazem-no sentir-se tanto como pertencente ao mundo dos homens como em condições de contribuir pessoalmente para a constituição deste.



Referências

- Bakhtin M. Estética da criação verbal. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes; 1997. Os gêneros do discurso; p. 279-326.
- Bakhtin M, Volochinov VN. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3.ed. São Paulo: Hucitec; 1986. p. 81.
- Berberian AP, Massi G. Pais, filhos e letramento: ressignificação de histórias de leitura e escrita no contexto da fonoaudiologia. In: Berberian AP, Massi G, Mori-de Angelis CC, organizadoras. Letramento: referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus; 2006. p. 33-65.
- Mori-de Angelis C. Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico. São Paulo: Pancast; 2005. Leitura e escrita: uma questão para fonoaudiólogos?; p. 33-65.
- Garcia ALM. Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico. São Paulo: Pancast; 2005. Fonoaudiologia e letramento; p.15-35.
- Khan MM. Introdução. In: Winnicott DW. Holding e interpretação. São Paulo: Martins Fontes; 1991. p. 1-20.
- Masini L. A escrita na clínica fonoaudiológica. *Disturb Comun* 1999;10(2):193-204.
- Masini L. O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004.
- Masini L. Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico. São Paulo: Pancast; 2005. Considerações sobre o processo terapêutico fonoaudiológico no trabalho com a escrita; p. 65-85.
- Masini L. Efeitos da ressonância dialógica na clínica da linguagem. In: Berberian AP, Massi G, Mori-de Angelis CC, organizadoras. Letramento: referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus; 2006. p. 368-96.
- Milner MB. A loucura suprimida do homem são: quarenta e quatro anos explorando a psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Milner MB. On not being able to paint. London: Heinemann Educational Books; 1971.
- Perrotta C. Breve estudo de caso: uma abordagem da escrita na terapia fonoaudiológica. *Disturb Comun* 2002;14(1):91-101.
- Perrotta C. Redimensionar erros: intervenção fonoaudiológica na escrita. In: Dauden ATBC, Mori-de Angelis CC, organizadoras. Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico. São Paulo: Pancast; 2005, p.87-115.
- Perrotta C, März L, Masini L. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. *Disturb Comu* 2005;16(2):181-93.
- Safra G. PROFOCO – Programa de Formação Continuada. São Paulo; 2006. [Aula ministrada na UNIP – Instituto Sorbornost].
- Winnicott DW. Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1993. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico; p. 459-82.
- Winnicott DW. Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago; 1990.

Recebido em agosto/06; **aprovado em** setembro/07.

Endereço para correspondência

Claudia Perrotta

Rua Artur de Azevedo, 1537, apto 103

São Paulo, São Paulo, CEP 05404-014

E-mails: claudia@ifono.com.br

claudia.perrotta@terra.com.br

